

Um novo olhar sobre os bairros

MAIS ESPAÇO

ALDEIA FOXÁ LUTA POR AMPLIAÇÃO DE ESCOLA

Em condições precárias, imóvel que sedia instituição de ensino na comunidade indígena tem apenas uma sala de aula para atender 33 alunos de diferentes séries. Construção atual não suporta mais demanda de atendimento. Estado deve iniciar intervenções em telhado antes de avançar em reforma completa.

PÁGINA 14

A VOZ DO BAIRRO



MARINO BARCÉ,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO JARDIM DO CEDRO

“Algumas ruas estão parcialmente calçadas. Faltam uma, três, até cinco quadras. Outras, como é o caso da Bela Vista, não tem nenhuma quadra pavimentada. Dá para dizer que são mais de 20 ruas que estão nessas situações”

HISTÓRIA CENTENÁRIA

COMO FOI A **FORMAÇÃO** DOS DOIS BAIRROS

Faz mais de 100 anos que as primeiras famílias rurais se instalaram nessas localidades. Potreiros, matagais e plantações dominavam a

paisagem. Foi a partir dos anos 1950 que mais moradores chegaram e deram aspecto mais urbano ao Jardim do Cedro e Santo Antônio.



PÁGINAS 10 E 11

MATEUS SOUZA

EM BUSCA DE UMA NOVA REALIDADE



Ações sociais, projetos voluntários e parcerias com a comunidade, instituições de ensino, sociedade civil organizada e Poder Público. São diversos os movimentos que buscam transformar uma das regiões mais vulneráveis da cidade. No

Santo Antônio, bons exemplos destacam potencialidades e miram o futuro, com foco na emancipação das pessoas. Eliminar imagem negativa também passa por investimentos em qualificação e melhorias na infraestrutura.

PÁGINAS 4, 5 E 6

Construção a diversas mãos

Situados ao sul de Lajeado, próximo à divisa com Cruzeiro do Sul, os bairros Jardim do Cedro e Santo Antônio concentram, juntos, uma população superior a de boa parte dos municípios do Vale do Taquari. A localização privilegiada, a poucos minutos do Centro da cidade, poderia ser um fator diferencial. Mas a realidade é muito mais dura.

A distância física curta não inibe a existência de uma barreira invisível. É como se obstáculos impedissem a comunidade de ter acesso a diferentes serviços, desde os públicos até aqueles disponibilizados na iniciativa privada. Em outras palavras, estão isolados do restante da cidade.

São bairros – o Santo Antônio, um pouco mais – que não experimentam a mesma pujança de outras localidades da cidade. Infraestrutura precária, com ruas e calçadas em más condições, pouca oferta de horários no transporte coletivo urbano aos fins de semana e espaços públicos depredados são apenas alguns dos problemas diários enfrentados pela população.

Quem mora nesses dois bairros reclama da ausência do Poder Público. Da falta de oportunidades a população. E até do preconceito.

“

Quem mora nesses dois bairros reclama da ausência do Poder Público. Da falta de oportunidades a população. E até do preconceito (...)”

Não são poucos os termos e frases pejorativas usadas para se referir à comunidade periférica de Lajeado. E como mudar isso? Uma construção a diversas mãos.

Há bons exemplos, principalmente vindos do voluntariado, das próprias comunidades e das parcerias com instituições de ensino. Mas é preciso mais. Agentes públicos também precisam entrar em cena. Tudo pelo bem estar da população e por um olhar mais abrangente a esses bairros.



NESTA EDIÇÃO

Anseios, desafios e virtudes de uma região com 10 mil pessoas

O crescimento populacional enfrentado por Lajeado nos últimos anos se explica, entre alguns fatores, pela diversidade econômica e localização privilegiada do município. E muitos desses novos moradores

escolheram o Jardim do Cedro e o Santo Antônio para fixar residência. Bairros cada vez mais povoados, no entanto, exigem serviços melhores. Esta publicação mostra os bons e os maus exemplos.

IMPRESSÕES SOBRE LAJEADO



Um letreiro bem ajardinado dá boas-vindas para quem entra no bairro Santo Antônio, pela rua Bernardino Pinto. Em um dos pontos mais altos de Lajeado, Jardim do Cedro e Santo Antônio possuem belas vistas panorâmicas da cidade.



Um novo olhar sobre os bairros

EXPEDIENTE
GRUPCA HORA

PRODUÇÃO

TEXTOS
Mateus Souza
Raica Franz Weiss

ARTE E
DIAGRAMAÇÃO
Lautenir Azevedo
Junior

COORDENAÇÃO
EDITORIAL

Fernando Weiss
Felipe Neitzke

IMPRESSÃO

Gráfica Uma/
junto à Zero Hora

EM PLENA EXPANSÃO POPULACIONAL, BAIRROS MIRAM **DESENVOLVIMENTO ORDENADO E IGUALITÁRIO**



Debate na Rádio A Hora 102,9 aponta rumos para o Jardim do Cedro e o Santo Antônio e exalta iniciativas e projetos no campo da educação

De áreas pouco habitadas a dois dos bairros mais populosos de Lajeado. Em três décadas, a realidade do Jardim do Cedro e do Santo Antônio se transformou a partir do crescimento populacional do município. A posição geográfica e as oportunidades atraem novos moradores a cada dia e, nestes bairros, é possível ter uma dimensão da diversidade étnica.

No entanto, bairros com uma densidade cada vez maior também exigem um olhar mais atencioso do Poder Público, em prol de um desenvolvimento ordenado e igualitário. Essa foi a tônica do debate desse mês do projeto “Lajeado – Um novo olhar sobre os Bairros”, que também abordou iniciativas em destaque no campo da educa-

ção e assistência social.

Representaram as comunidades os presidentes das associações de moradores do Jardim do Cedro, Marino Barcé, e do Santo Antônio, Luciana Araújo. O governo de Lajeado foi representado pela coordenadora do Programa Somar – do Pacto pela Paz –, Solange Kunrath. Diretora da Escola Estadual Santo Antônio, Andrea Reckziegel trouxe o olhar de quem atua diretamente no bairro.

Enquanto o primeiro bloco abordou o olhar dos moradores sobre os seus bairros, nos blocos seguintes foram detalhadas ações desempenhadas por Executivo e escola no contexto de formação dos jovens, além de apontamento de demandas e anseios das comunidades em busca de uma vida melhor.

Em busca de emprego

Segundo Luciana, o Santo Antônio se tornou um dos bairros mais acessíveis para pessoas de fora que se mudaram para Lajeado em virtude de oportunidades de trabalho. “A cidade tem muito



“A cidade tem muito emprego, e isso atrai gente. E, nas chamadas áreas invadidas do bairro, conseguem comprar terrenos por um custo menor”

LUCIANA ARAÚJO,
PRESIDENTE DO
BAIRRO SÃO ANTÔNIO

emprego, e isso atrai gente. E, nas chamadas áreas invadidas do bairro, conseguem comprar terrenos por um custo menor”, comenta.

Mesmo com as dificuldades enfrentadas pela comunidade, sobretudo no campo da infraestrutura, Luciana entende que o Santo Antônio é um bairro de grande po-



“É um trabalho em rede muito interessante. E temos também um banco de oportunidades, que é um espaço onde o pessoal também pode ajudar com o trabalho voluntário”

SOLANGE KUNRATH,
COORDENADORA
DO PROGRAMA SEJA



“Buscamos ter um alcance emocional com nossos alunos, que muitas vezes não acreditam que podem chegar a uma universidade, por exemplo”

ANDREA RECKZIEGEL,
DIRETORA DA ESCOLA ESTADUAL
SANTO ANTÔNIO

tencial. “E temos uma população muito acolhedora. Muitas pessoas que chegam na cidade não tem lugar para morar, e a comunidade acolhe. Meus pais fizeram muito isso”, recorda.

No Jardim do Cedro, Barcé destaca que a facilidade de deslocamento até o Centro e às grandes empresas atrai novos moradores. “Quando um bairro é mais distante, dificulta mais, como lá em Conventos, por exemplo. Aqui, vejo como um local muito bom de se morar. Estou aqui há mais de 25 anos”, recorda.

Nas conversas com moradores, percebe a grande presença de pessoas de fora, até mesmo imigrantes que escolhem o Jardim do Cedro para fixar residência. “Se conversar com as professoras das escolas, elas também sentem isso”.

Capacitações

Uma das principais preocupações em relação ao Santo Antônio é com os jovens que estão ou deixam o ensino médio sem perspectivas. Por isso, Solange cita a importância do Cada Jovem Conta, uma iniciativa multissetorial dentro do Pacto pela Paz, que discute formas de auxiliar a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho.

“Isso é feito através de conversas, de um atendimento profissionalizado e um encaminhamento. É um trabalho em rede muito interessante. E temos também um banco de oportunidades, que é um espaço onde o pessoal também pode ajudar com o trabalho voluntário”, frisa.

Especificamente sobre o Somar, do qual é coordenadora, destaca os ganhos às escolas onde foi implementado. “Estivemos na FOK e na Escola Santo Antônio. Trabalhamos com jovens e adolescentes e eles decidem por uma ação do bem. E isso tudo é feito em grupo, seja em oficinas de cultura, de esporte, ou de outras áreas”.

Alcance emocional

Andrea atua há mais de duas décadas na Escola Santo Antônio, antigamente conhecida como CIEP. Segundo ela, é uma das três instituições estaduais com ensino médio na cidade. Por isso, tem aulas nos três turnos.

Ela exalta as parcerias, sobretudo com a Univates, para fortalecer a sensação de pertencimento e também criar uma nova realidade no bairro. “Encaramos isso como uma missão muito forte lá dentro. Buscamos ter um alcance emocional com nossos alunos, que muitas vezes não acreditam que podem chegar a uma universidade, por exemplo”, frisa.

Para ela, é necessário um olhar diferenciado das autoridades e cita investimentos em lazer e esporte feitos pelo Poder Público na área central que poderiam ocorrer no Santo Antônio. “Os jovens dos bairros muitas vezes não conseguem vir para o Centro. Levar isso para o bairro é essencial. Assim, eles não vão estar na rua e ficarão menos vulneráveis à violência”.

Próximos debates*

MAIO

IGREJINHA, IMIGRANTE E PLANALTO

JUNHO

FLORESTA E SÃO BENTO

JULHO

JARDIM BOTÂNICO E MOINHOS D'ÁGUA

AGOSTO

ALTO DO PARQUE E CARNEIROS

(*) DATAS A DEFINIR

ESFORÇO COMUNITÁRIO E VOLUNTARIADO PARA DESCONSTRUIR RÓTULOS

Entidades, associações e instituições de ensino fortalecem atuação no Santo Antônio, com foco nas crianças e mulheres. Iniciativas buscam transformar, a médio e longo prazo, realidade de um dos bairros mais vulneráveis da cidade

Estar no centro das atenções por meio das virtudes e boas iniciativas, sem deixar de lado a preocupação em garantir um futuro melhor à comunidade. Rotulado como “violento” e “perigoso”, o bairro Santo Antônio passa por um constante processo de desconstrução. Um trabalho feito a diversas mãos que busca, sobretudo, resultado a médio e longo prazo.

Formado por uma maioria trabalhadora, o Santo Antônio concentra um número considerável de famílias em situação de vulnerabilidade. Promover a emancipação e possibilitar uma vida digna a essas pessoas é uma das premissas de projetos voluntários estabelecidos no bairro nos últimos anos, com potencial para transformar realidades.

Um dos movimentos mais relevantes neste sentido vem da Univates. No campo da educação e saúde, o projeto Cultura de Periferia busca promover ações voltadas a adolescentes por meio de manifestações culturais como linguagem para desenvolvimento

da cidadania. Uma oportunidade para estudantes voluntários também conhecerem a realidade dos moradores.

À frente da iniciativa, a professora Gisele Dhein lembra que este foi o primeiro projeto de extensão interdisciplinar a adentrar no Santo Antônio. Inicialmente, focado em atender pessoas acamadas por meio da fisioterapia. Posteriormente, se expandiu a partir da aproximação com a Escola Estadual Santo Antônio.

“Foi uma aproximação muito interessante com uma população, por vezes, desconhecida do estudante. E não só isso. Também de trabalhar com as potencialidades que o bairro tem. E identificamos muita coisa desde então, como a arte, a música, o desenho. Mas percebemos que é um território onde falta essa oferta por parte do município”, frisa.

Lacuna preenchida

As ações trabalhadas consideram também as próprias deman-



Tem emergido coisas muito legais, como a própria descoberta de um desejo, que é o buscar conhecimento. Muitos não sabiam que poderiam ter continuidade de estudo”

GISELE DHEIN,
PROFESSORA DA UNIVATES

das escolares. “Escutamos eles e tentamos alinhar a nossa demanda com a da escola. E aí, a cada semestre, fazemos ações neste sentido. E tem nos mostrado tudo de bom que o bairro tem, os espaços

de apropriação cultural. Uma das vistas mais lindas da cidade está no Santo Antônio, por exemplo”, lembra Gisele.

A escola foi o braço de entrada da Univates no bairro. Ainda que sejam ações em uma tarde da semana, os resultados têm sido satisfatórios. “Tem emergido coisas muito legais, como a própria descoberta de um desejo, que é o buscar conhecimento. Muitos não sabiam que poderiam ter continuidade de estudo aqui, de ter acesso a cursos técnicos e outras opções em termos de formação”.

Por outro lado, entende que a oferta, sobretudo de opções para alunos a partir dos 12 anos no turno inverso, precisa avançar, partindo do Poder Público. “E o que acontece? Mães não podem ir trabalhar, pois se deixa o filho sozinho em casa, o Conselho Tutelar pune. E aí a renda familiar não aumenta. Isso faz com que a universidade assumam um papel que não é dela”.

Direito à moradia

Depois dos projetos mais voltados à área da saúde, iniciativas voluntárias nos campos da habitação e da construção também ganharam evidência dentro do Santo Antônio e outros bairros periféricos. Um trabalho liderado, sobretudo, por docentes e alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Univates.

Criado em 2019, o projeto de extensão Habitar Bem busca, a partir do diálogo entre estudantes e a comunidade, contribuir para a construção de novos saberes frente aos temas da habitação de interesse social e do direito à moradia digna e de qualidade.

“Estávamos na nossa bolha e havia essa angústia. Queríamos levar a universidade para conhecer territórios antes não tão acessíveis a nós, da Arquitetura. Então, iniciamos com o Habitar Bem, que logo se vinculou aos projetos de saúde”, frisa a professora responsável, Jamile Weizenmann. “Aí, começamos a enxergar como funcionava o bairro, a entender as pessoas e verificar a infraestrutura”.

O projeto ganhou evidência, sobretudo, a partir do Nenhuma Casa sem Banheiro, programa idealizado pelo Conselho de Arqui-



Estávamos na nossa bolha e havia essa angústia. Queríamos levar a universidade para conhecer territórios antes não tão acessíveis a nós, da Arquitetura. Então, iniciamos com o Habitar Bem”

JAMILE WEIZENMANN,
PROFESSORA DA UNIVATES

tetura e Urbanismo (CAU-RS) e o governo do Estado, que teve desdobramentos em Lajeado. “Lançaram o edital e nós vinculamos isso com a prefeitura, que foi parceira na execução das ações”.

Parcerias positivas

Criada há três anos, a Associação Marines é uma ONG que atende centenas de famílias no Santo Antônio. Desde que se estabeleceu no bairro, se destaca por projetos diversos por meio de parcerias, como o Debut Social e o Capacete Rosa. Esta última iniciativa teve o objetivo de capacitar mulheres para o mercado de trabalho voltado à construção civil.

A parceria, executada junto ao Habitar Bem e ao Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (Semeia-Emau), teve a primeira edição finalizada com a formatura em 2023. Agora, o objetivo é abrir uma nova turma, segundo a voluntária da ONG, Bruna Ruthner.

“Foi muito bacana ver esse projeto



DIVULGAÇÃO

Cultura da Periferia foi a porta de entrada da Univates no Santo Antônio



Associação de Moradores também atua em prol do bairro



Capacete Rosa teve primeira turma concluída em 2023

sair do papel. Se tiver uma segunda edição, com certeza seremos parceiros de novo”, frisa Bruna, que também é funcionária do Semeia-Emau. Lembra que o vínculo criado entre as participantes e os voluntários possibilitou a realização de diversas ações voltadas à curricularização da extensão universitária, permitindo a inserção de estudantes.

Movimento social

Sob o nome “Projeto Gira”, uma iniciativa se expandiu a partir do projeto Habitar Bem, com o objetivo principal de melhorar a qualidade de vida, especialmente para aqueles que enfrentam situações

de vulnerabilidade. Ganhou força após as enchentes que assolaram o Vale do Taquari, em setembro e novembro do ano passado.

“Conseguimos formar um grupo muito ativo, de 30 a 40 pessoas participativas. É um movimento que nem nós acreditávamos que daria certo”, lembra Jamile. As reuniões ocorrem nos bairros mais vulneráveis da cidade. No encontro no Santo Antônio, ocorrido em março, o grupo ouviu queixas sobre a forma negativa de como o bairro é visto pela sociedade.

“Alguns bairros, mesmo que também tenham problemas e coisas negativas, são colocados em alta, e outros só viram notícia quando ocorre algo ruim, como é o caso do Santo Antônio. São bairros que ficam, no sentido literal da palavra, sempre à margem de algumas decisões”.

“

Foi muito bacana ver esse projeto (Capacete Rosa) sair do papel. Se tiver uma segunda edição, com certeza seremos parceiros de novo”

BRUNA RUTHNER,
VOLUNTÁRIA DA
ASSOCIAÇÃO MARINES

Incentivo à leitura

Na rua 19 de abril, uma biblioteca em uma garagem chama atenção. Há cerca de um ano, a moradora Beatriz Conceição Alves de Lima, mais conhecida na comunidade como “Môci”, mudou a utilidade de um dos espaços da sua casa. Após participar de um curso, foi desafiada a fazer algo para melhorar a vida

da comunidade. Logo, teve a ideia de montar uma biblioteca.

Ainda sem saber se daria certo, preparou o espaço, que até então era uma garagem, montou algumas prateleiras, organizou os livros que já tinha, colocou um tapete no chão, uma mesa e cadeiras para as crianças. O projeto logo ficou conhecido e ganhou o nome de “Ciranda, histórias para as crianças”.

MATEUS SOUZA



Turmas do curso de Arquitetura da Univates passaram a ter mais atividades práticas no bairro

MAIS ENTIDADES E INICIATIVAS

Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente (Slan)

– Fundado em 1983, o Centro Pedro Albino Müller atende hoje cerca de 150 crianças. Surgiu a partir de uma união entre representantes da comunidade, preocupados com crianças nas ruas. Centenas de pessoas do bairro já passaram pela instituição;

Associação de Assistência à Infância e à Adolescência (Saidan)

– Casa de acolhimento com sete décadas de atuação, promove acolhimento de crianças e adolescentes entre 0 e 18 anos, que tiveram sua integridade física ou emocional ameaçada e seus direitos desatendidos ou violados;

Projeto Vida Santo Antônio

– Com mais de 30 anos de atuação, surgiu com o propósito de tirar crianças das ruas, com iniciativas no turno oposto ao das escolas. Mantido pela Secretaria Municipal de Educação, oferece atividades diversas, como oficinas pedagógicas e práticas esportivas.

“MOVIMENTOS DEVEM CRIAR CONDIÇÕES PARA A EMANCIPAÇÃO DAS PESSOAS”

FÁBIO KUHN

Promotor de Justiça e integrante do Comitê dos Bairros avalia cenário de transformação necessário ao Santo Antônio. Após recomendação do MP, governo projeta instalar Cras na localidade

Bairro muito populoso num pequeno espaço territorial, formado por famílias, em sua grande maioria, trabalhadoras e esforçadas. O Santo Antônio apresenta desafios para alcançar um desenvolvimento ordenado e igualitário. Para isso, para além dos projetos e ações existentes, é necessário focar nas pessoas.

Com ampla atuação no bairro, o promotor de Justiça, Sérgio Diefenbach – também integrante do Comitê dos Bairros criado pelo A Hora – conhece a realidade enfrentada por famílias em busca de uma vida mais digna. Na avaliação dele, o trabalho a ser feito no Santo Antônio é, sobretudo, com objetivos a longo prazo.

Para Diefenbach, esse trabalho envolve investimento e empoderamento das lideranças comunitárias e, sobretudo, investimento e qualidade na educação. Há duas escolas no bairro – uma estadual e uma municipal –, além de duas creches. Frisa, também, que não há uma “solução pronta” para a vida das pessoas e isso é um erro comum daqueles que se dirigem a esses territórios.



Nos últimos anos, bairro teve crescimento expressivo

“A sociedade como um todo, que deve ter como norte buscar um maior equilíbrio social, precisa investir mais forte em regiões onde existem essas necessidades. Sem preconceito e sem assistencialismo. Tanto um quanto outro só contribuem para a não-emancipação dessas pessoas. E aí não se sai do lugar”, afirma.

Importância dos apoios

Diefenbach ressalta a importância de iniciativas como as da Univates (veja mais nas páginas 4

e 5) e saúda também movimentos do Poder Público e da sociedade civil organizada para proporcionar uma vida mais digna às famílias em situação de vulnerabilidade. Entretanto, alerta para a necessidade de um trabalho multidisciplinar focado no empoderamento.

“É importante ser dito. Esses movimentos todos só terão sentido se caminharem na linha de criar condições para a emancipação das pessoas, especialmente das mais jovens. Do contrário elas terminam não se emancipando e se tornam reféns de subempregos e de fatores como o álcool ou as drogas”.

Embora existam outros bairros com carências múltiplas, no Santo Antônio, esses investimentos se mostram essenciais. “Há muitas famílias esforçadas e que possuem sentimentos parecidos com os de outras áreas da cidade, mas intensificados por algumas dificuldades. Por isso, é extremamente positivo qualquer tipo de investimento ou apoio”.

Conhecer a realidade

A imagem distorcida que uma parcela da sociedade sobre o bairro, conforme o promotor, reflete em uma dificuldade até mesmo para moradores buscarem emprego. Em algumas situações, aca-

bam omitindo a localidade real e colocam o endereço como sendo de outro bairro.

“Isso é uma demonstração da crueldade desse distanciamento social que vivem essas pessoas. Mas é preciso lembrar. Centenas de trabalhadores do Santo Antônio têm a chave da casa ou da empresa de muita gente da cidade. Então é preciso conhecer a realidade antes de fazer juízo de valor”.

Mais um serviço

Entre recomendações feitas ao Poder Público, o MP sugeriu ao município que instale um Centro de Referência em Assistência Social (Cras) no Santo Antônio. Hoje, há apenas dois na cidade,

sendo o do Centro, responsável por atender aos bairros da zona sul de Lajeado.

Conforme a secretária de Desenvolvimento Social, Céci Gerlach, a proposta está nos planos do município. “Inclusive temos projeto já elaborado. Está na Seplan e vai voltar para a nossa secretaria para revisão, pois alguns dados estão desatualizados. É necessário e importante para essa localidade”, destaca.

O novo Cras deve abranger também moradores do Jardim do Cedro, Conservas, Morro 25 e Nações, o que totaliza uma população de pouco mais de 20 mil pessoas.

MATEUS SOUZA



Há poucos equipamentos públicos disponíveis para a população



“**A sociedade como um todo, que deve ter como norte buscar um maior equilíbrio social, precisa investir mais forte em regiões onde existem essas necessidades. Sem preconceito e sem assistencialismo”**

SÉRGIO DIEFENBACH,
PROMOTOR DE JUSTIÇA

POUCOS HORÁRIOS DE ÔNIBUS NO FIM DE SEMANA AFASTAM POPULAÇÃO DA ÁREA CENTRAL

MATEUS SOUZA

Queixas com dificuldade de deslocamento para outros bairros de Lajeado aos sábados e domingos crescem. Transporte por aplicativo nem sempre dá conta das demandas de moradores

Um problema enfrentado por todas as localidades afastadas da área central da cidade. Mas agravado justamente em uma comunidade não tão distante do Centro. Há anos, moradores dos bairros Santo Antônio e do Jardim do Cedro convivem com o isolamento aos fins de semana. O motivo é um só: escassez de horários de ônibus que atendam a comunidade.

Conforme relatos de moradores, a situação se agravou a partir de 2020, com a pandemia. Naquele ano, também houve o início da nova concessão do transporte coletivo urbano, por parte da Expresso Azul. A empresa optou por não colocar seus ônibus para rodar aos domingos, somente em datas especiais, como nos dias que antecede o Natal ou nas eleições.

Nos sábados, a oferta é maior no turno da manhã. Entre as 6h05min e 8h50min, são seis linhas que saem dos dois bairros em direção ao Centro, São Cristóvão e Univates. Contudo, no decorrer do dia, a frequência diminui. Em toda a tarde, são apenas quatro, sendo que a última sai às 17h30min. Não há itinerário no turno da noite.

A situação é ainda mais complicada de quem deseja retornar aos bairros. São apenas dez horários em todo o dia. O último ônibus em direção ao Jardim do Cedro e Santo Antônio sai do Posto do Arco às 16h40min. Este é um dos principais pontos de reclamação da comunidade, visto que muitas pessoas que residem nestas localidades trabalham na área central aos sábados.

“Ficamos isolados”

A presidente da Associação de Moradores do Santo Antônio, Luciana Araújo, lamenta a situação vivida pela comunidade. Uma das maiores críticas relacionadas às dificuldades de deslocamento na cidade é quanto a ausência de opções de lazer, cultura e práticas esportivas para quem reside nestes bairros.

“Nosso ginásio está com problemas e a pracinha também. Temos



Comunidade se queixa da baixa oferta de veículos do transporte coletivo

Hoje, a concessionária tem

32

ônibus atuando em Lajeado.

O número de passagens comercializadas por mês é de

120 mil

ótimos parques e áreas verdes na cidade, mas ficam inacessíveis para boa parte da nossa população nos finais de semana. Se a pessoa não tem condução própria, fica isolado do restante da cidade”, frisa.

Nem mesmo o transporte por aplicativo costuma funcionar nestes períodos. Quando há disponibilidade, as tarifas são altas. A reportagem conversou com um motorista de aplicativo, que preferiu não se identificar. Segundo ele, a maior parte dos condutores que aceitam corridas no Santo Antônio são de pessoas que residem no bairro. “Infelizmente, muitos tem preconceito e até medo”.

Linhas e horários que passam pelos dois bairros aos sábados:

Jardim do Cedro e Santo Antônio / Centro e São Cristóvão

5h15min (saída Santo Antônio)
6h05min (saída Wickert Vidros)
6h30min (saída Jardim do Cedro)
6h50min (saída Jardim do Cedro)
7h25min (saída Jardim do Cedro)
7h45min (saída Escola São João Bosco)
8h05min (saída Posto de Saúde Jardim do Cedro)
9h30min (saída Escola São João Bosco)
10h40min (saída Posto de Saúde Jardim do Cedro)
11h55min (saída Escola São João Bosco)
12h25min (saída Posto de Saúde Jardim do Cedro)
12h55min (saída Escola São João Bosco)
13h55min (saída Escola São João Bosco)
15h10min (saída Escola São João Bosco)
16h40min (saída Escola São João Bosco)
17h30min (saída Escola São João Bosco)

Centro / Jardim do Cedro e Santo Antônio

7h15min (saída Universitário)
9h20min (saída Rodoviária)
10h15min (saída Univates)
11h30min (saída Rodoviária)
11h50min (saída Universitário)
12h40min (saída Rodoviária)
13h40min (saída Rodoviária)
14h35min (saída Posto do Arco)
16h10min (saída Posto do Arco)
16h40min (saída Posto do Arco)



Constante análise

Procurada pela reportagem, a diretoria da Expresso Azul comenta que as linhas de ônibus, horários e

itinerários estão em constante avaliação e estudo.

“As linhas e os horários do transporte coletivo municipal estão constantemente em análise de modo a se

“

Temos ótimos parques e áreas verdes na cidade, mas ficam inacessíveis para boa parte da nossa população nos finais de semana. Se a pessoa não tem condução própria, fica isolado do restante da cidade”

LUCIANA ARAÚJO,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO SANTO ANTÔNIO

adequarem à demanda. Quando há mais demanda, é possível fazer ampliação do atendimento”, cita nota encaminhada à reportagem.

Vale lembrar que a Expresso Azul completa, em junho, quatro anos de concessão do transporte público em Lajeado. Na ocasião, venceu processo licitatório aberto em 2019, após longa discussão com a sociedade e também na câmara de vereadores.

Hoje, a concessionária tem 32 ônibus nas ruas de Lajeado, de segunda-feira a sábado. Há dois veículos reservas e a empresa deve adquirir mais dois. As linhas que passam entre os bairros Jardim do Cedro e Santo Antônio estão entre as de maior movimento.

PESQUISA MOSTRA NECESSIDADE DE AVANÇOS EM INFRAESTRUTURA

Bairros convivem com problemas de mobilidade, como as ruas de chão batido calçadas em más condições. Por outro lado, há serviços exaltados pela população

Quem passa pelos bairros Jardim do Cedro e Santo Antônio rapidamente identifica o tamanho do desafio diário enfrentado pelas comunidades. Se contam com ampla extensão territorial, as localidades se destacam negativamente em aspectos fundamentais ao direito de ir e vir: a mobilidade e a infraestrutura

Não são poucas as ruas dos dois bairros que apresentam péssimas condições estruturais. Com exceção das vias principais, a maior parte delas contam com calçamento precário ou sequer possuem pavimentação. Em períodos secos, a poeira incomoda moradores. Já em dias chuvosos, o barro causa transtornos.

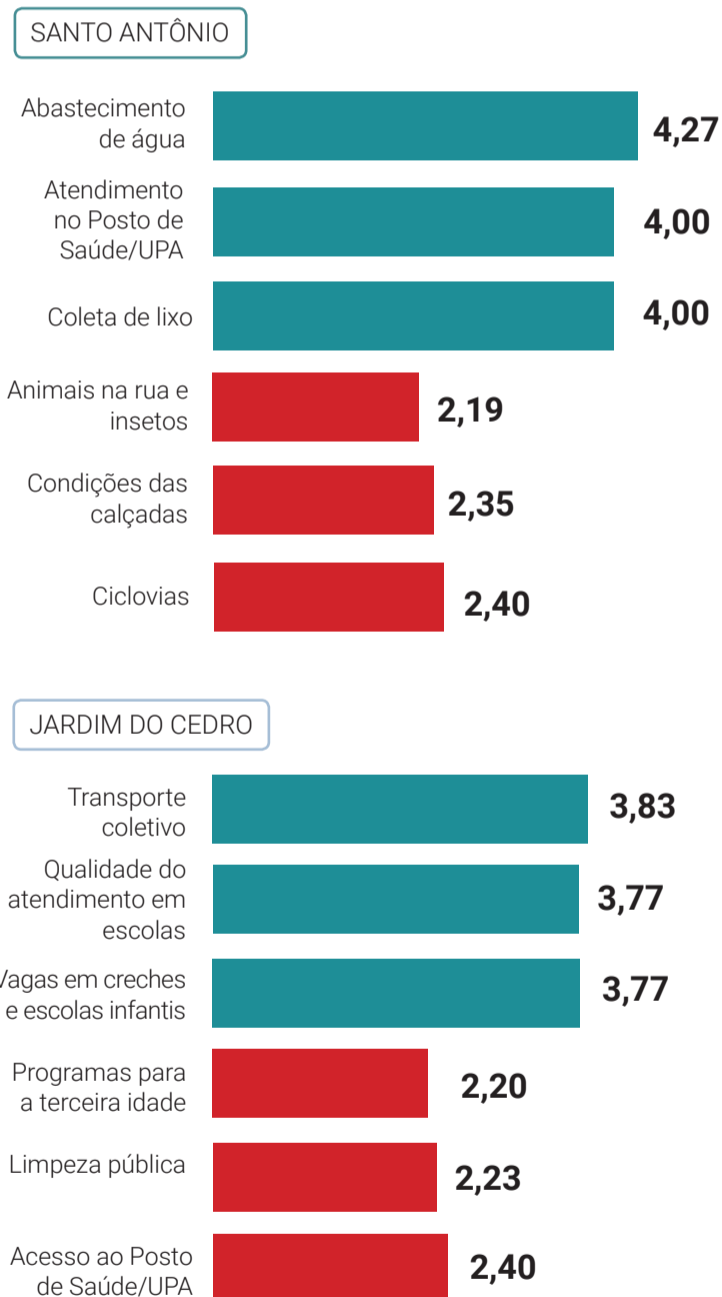
Menções às condições das ruas surgem em destaque em pesquisa feita com moradores pela empresa Macrovisão, a pedido do Grupo A Hora. Por outro lado, há aspectos positivos destacados pela comunidade. No Santo Antônio, o serviço melhor avaliado foi o abastecimento de água, enquanto no Jardim do Cedro, destaque para o transporte coletivo.

A pesquisa, braço do projeto “Lajeado – Um novo olhar sobre os bairros”, foi feita entre os dias 4 e 23 de março de 2023 e teve um grau de confiança estatístico de 95%. O estudo foi desenvolvido através de um questionário estruturado, com algumas questões abertas, definido de comum acordo entre as partes interessadas.

Mais oportunidades

Avaliação da qualidade dos serviços*

(*) Escala de 1 (péssimo) a 5 (muito bom)



Sem grandes empresas situadas nessas localidades, moradores dependem dos empreendimentos de outros bairros para se colocarem no mercado de trabalho. O desejo

por mais oportunidades de emprego está entre os principais anseios mencionados pela comunidade. Os terrenos sem limpeza e o abandono de animais também surge



Para melhorar o futuro dos bairros, os entrevistados expressaram anseios, de forma voluntária, relacionando aspectos que deveriam ser objeto de soluções”

LUCILDO AHLERT,
DIRETOR DA MACROVISÃO

como um desafio.

Conforme o diretor da Macrovisão, Lucildo Ahlert, os anseios por mais oportunidades de emprego são corroborados por dados de algumas das perguntas feitas. “Em termos de encontrar emprego no Jardim do Cedro, apenas 13,3% consideram a situação boa. Já no Santo Antônio, a situação é muito negativa, já que 42,3% consideram a situação ruim ou regular, e 57,7% consideram péssima”, frisa.

Apesar dessas dificuldades, mais de 70% dos moradores avaliam a perspectiva de crescimento e desenvolvimento desses bairros como “positiva”, lembra Ahlert. “Já para melhorar o futuro do bairro, os entrevistados expressaram anseios, de forma voluntária, relacionando aspectos que deveriam ser objeto de soluções”.

Diferenças entre comunidades

Enquanto no Jardim do Cedro há críticas da comunidade quanto aos serviços de saúde, no Santo Antônio o atendimento na unidade local é elogiado por moradores. Não à toa, recebeu a segunda maior nota, atrás apenas do abastecimento de água.



Trechos de ruas sem calçamento se espalham pelo Jardim do Cedro

Por outro lado, o transporte coletivo é bem avaliado no Jardim do Cedro, conforme a pesquisa, recebendo a maior nota entre os serviços no bairro. No Santo Antônio, entretanto, há sucessivas reclamações quanto a escassez de horários aos finais de semana.

Ponto em comum criticado nos dois bairros é limpeza urbana. No Jardim do Cedro, conforme o presidente da Associação de Moradores, Marino Barcé, a entidade estuda alternativas. “Deveria se retirar todas as lixeiras, assim como foi feito em outros bairros. Mas sabemos que essa é uma medida bastante impopu-



Percepção da comunidade sobre os bairros



PONTOS POSITIVOS

Jardim do Cedro:

- Boa vizinhança
- Lugar tranquilo
- Bairro calmo

Santo Antônio:

- Presença de igreja
- Boa vizinhança
- Ginásio e quadra de esportes



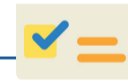
PRINCIPAIS PROBLEMAS

Jardim do Cedro:

- Falta de calçamento/asfalto
- Terrenos sem limpeza
- Animais abandonados

Santo Antônio:

- Ruas em más condições
- Há muito barulho
- Animais abandonados



ASSUNTOS A SEREM RESOLVIDOS

Jardim do Cedro:

- Pavimentação de ruas
- Criação de vagas de emprego
- Atender necessidades na saúde

Santo Antônio:

- Melhoramento de ruas
- Serviços públicos no bairro
- Criação de vagas de emprego

Impressões dos moradores



- "Bom de morar", "apego ao local" e "lugar de paz e sossego" dominam os significados do Santo Antônio para os moradores. No Jardim do Cedro, também há menções a essas qualidades;



- Para 83,3% dos entrevistados, a qualidade de vida no Jardim do Cedro é considerada "boa", enquanto 10% consideram como "muito boa". Apenas 6,7% citam como "regular";



- Quase 58% das pessoas ouvidas consideram como "péssimas" as condições para oportunidades de emprego no Santo Antônio, enquanto 43% avaliam como "ruins e regulares";



- Também faltam opções de lazer no bairro, sendo que 38,5% consideram como "ruins" e 34,6% avaliam como "regulares". Apenas 27% acreditam serem "boas";



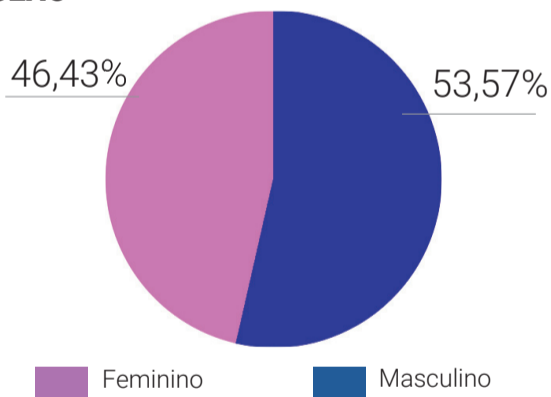
- No Jardim do Cedro, há insatisfação com a possibilidade de atividades culturais, com 70% considerando "ruins" e 26,7% avaliando como "regulares". Só 3,3% citam como "boas";



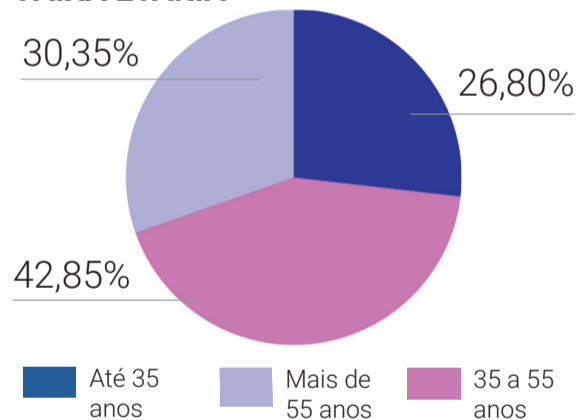
- Por outro lado, em ambos os bairros, os moradores avaliam de forma positiva a perspectiva de crescimento e desenvolvimento. Mais de 70% consideram "boas".

PERFIL DO ENTREVISTADO

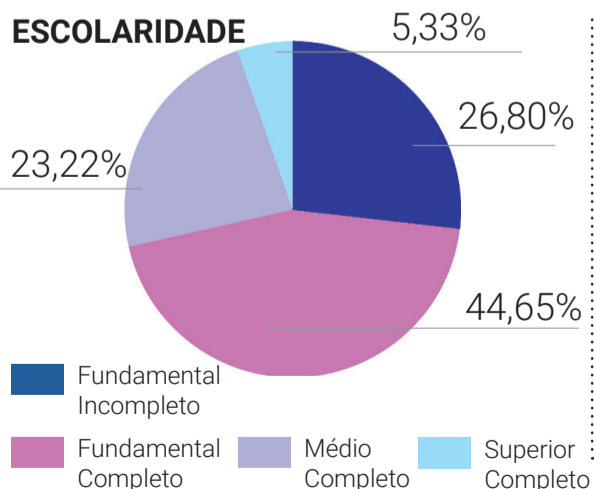
SEXO



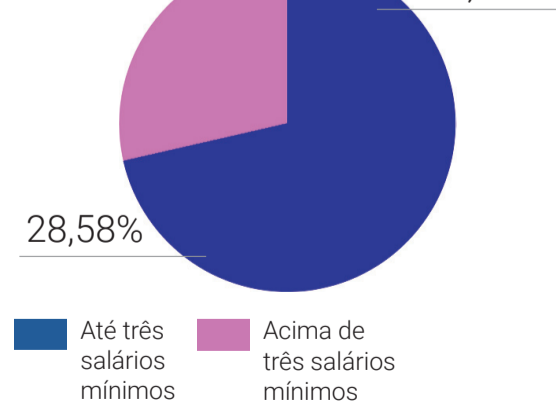
FAIXA ETÁRIA



ESCOLARIDADE



RECEITA MENSAL



Pesquisa inédita

O levantamento da Macrovisão, contratado pelo Grupo A Hora, traz uma radiografia dos 27 bairros de Lajeado (o Jardim Botânico foi sancionado apenas em abril de 2023). A cada mês, o caderno aborda a visão da comunidade sobre os diferentes bairros da cidade.



DE CHÁCARA A BAIRRO: AS HISTÓRIAS DO SANTO ANTÔNIO E DO JARDIM DO CEDRO

No início, essas localidades não passavam de áreas rurais e de mata, habitadas por famílias de agricultores. A partir dos anos 1950, mais moradores chegaram e deram um aspecto que, aos poucos, se tornou mais urbano. Nessas comunidades, escolas e instituições assistenciais fizeram parte da história das primeiras famílias

Faz mais de 100 anos que as primeiras famílias se instalaram nessas localidades. Potreiros, matagais e plantações dominavam a paisagem, época em que essas terras pertenciam a produtores rurais. Foi a partir dos anos 1950 que mais moradores chegaram nesses bairros. Na década de 1970, os loteamentos do Jardim do Cedro e do Santo Antônio deram um aspecto mais urbano e atraíram mais habitantes. Hoje, os dois bairros estão muito diferentes da paisagem rural dos primeiros anos, uma história que só resta na memória dos moradores mais antigos.

“

Meu pai comprou terras aqui quando ele e minha mãe casaram, eram uns 20 hectares, no tempo em que a ERS-130 ainda não existia”

MARLENE RUSCHEL,
MORADORA DO SANTO ANTÔNIO

Uma vida inteira no bairro

Aos 63 anos, Marlene Ruschel pode dizer que viveu todos eles no Santo Antônio. “Meu pai comprou terras aqui quando ele e minha mãe casaram, eram uns 20 hectares, no tempo em que a ERS-130 ainda não existia”, conta Marlene.

A rodovia cortou as antigas terras do pai, que compreendiam os atuais bairros Santo Antônio e Floresta. Naquele tempo, toda essa área era conhecida como Linha São Bento do Sul, assim como o Jardim do Cedro.

Marlene cresceu ali, junto dos irmãos. Lembra de caminhar por entre a roça até a escola Dom Pedro I, no Jardim do Cedro. A atual Emef foi fun-

dada em 1919, e não tinha mais do que uma pequena sala de aula. A estrutura ainda existe.

“Meu pai era agricultor e costumava ir de carroça vender os produtos coloniais no Santo Antônio e no Conservas”, conta. Marlene também recorda ir de charrete para a missa na Igreja Matriz. “A mãe costumava levar uma parte dos filhos e o pai levava outro na garupa da bicicleta, não tinha espaço para todo mundo”, lembra.

Mais tarde, a família vendeu seis hectares da terra para a prefeitura de Lajeado, onde foram construídas casas populares, na área mais baixa do Santo Antônio. “Uma parte do terreno era para ser área verde, próximo ao arroio. As famílias que ficaram lá foram retiradas do Parque ds Dick, que alagava sempre”, lembra.

Foi um pouco depois disso, no final dos anos 1990, que Marlene iniciou o trabalho como agente de saúde no Santo Antônio. Ela ficou 23 anos na profissão e guarda até hoje muito carinho pelas pessoas que conheceu nesse período. “Era engraçado, eu visitava famílias nas terras que um dia foram do meu pai. Eu dizia isso e não acreditavam”, brinca.

Como lembrança, guarda dezenas de fotos da comunidade. “Eu



Marlene cresceu no Santo Antônio e trabalhou como agente de saúde no bairro por 23 anos

tirava fotografias dos idosos, das crianças e dava de presente para eles. Eu gostava do trabalho no bairro e sempre gostei de morar aqui no Santo Antônio.”



O início do Santo Antônio

“Eu tenho saudades do tempo em que vim para cá”. É com nostalgia que Elvira da Silva, de 80 anos, lembra do início do Santo Antônio. Conhecida como Dona Bila pela comunidade, veio ao bairro aos cinco anos de idade, quando a localidade nem nome tinha, em meados dos anos 1940.

A rua Bernardino Pinto, hoje principal via do bairro, não passava de uma estrada de carroça, conta Bila. “Abrimos picada aqui, era tudo mato, árvores grossas de eucalipto. Ainda tem uns tocos por aí. Abrimos as primeiras ruas com pequenas trilhas”, lembra.

Dona Bila conta que nasceu numa família muito pobre, no interior de Cruzeiro do Sul. “Meu pai colhia arroz e minha mãe cana, a família se mudava conforme eles tinham emprego. Lembro que morávamos num potreiro, meu pai juntou duas tábuas de zinco para fazer uma cabana para ser abrigo durante o dia. De noite, dormíamos na estrebaria com as vacas dos

patrões”, descreve.

Até hoje, uma memória permanece intacta na memória da idosa. Bila era criança, brincava com os irmãos no potreiro, quando um homem solicitou que um dos pais fosse até a prefeitura de Lajeado. “Era o prefeito da cidade, nunca me esqueço. Marcou às 17h na prefeitura. Nos ofereceu um terreno aqui no Santo Antônio. Naquele tempo, isso aqui era terra de ninguém, puro matagal. Até hoje não sei porque ele nos deu essa terra”, comenta.

“Meus pais construíram um rancho aqui, o casebre era feito com

ACERVO EMEF FRANCISCO OSCAR KARNAL



A Emef Francisco Oscar Karnal em 1992, no endereço onde está hoje

Inauguração do prédio atual do Centro Pedro Albino Müller da Slan em 1983, na presença do governador Jair Soares.





Voluntários costumavam fazer mutirão para plantar grama e flores

mato. Eles iam trabalhar a pé nas lavouras de São Bento e Conventos, não tinha nada por aqui”, recorda.

Quando veio ao Santo Antônio, Bila estudou na escola que funcionava nas antigas instalações da Fábrica Oderich, no bairro Conservas, era o único educandário pela redondeza. Mais tarde, em 1953, a atual Emef Francisco Oscar Karnal foi criada no bairro. “Eu estudei quando a FOK era uma casinha de madeira, onde hoje é a Saidan”.

Entre as coisas que ainda lembra bem está o antigo caminho para o moinho e a bica. “A rua 19 de abril era um trilho que seguia até o moinho de farinha da família Stein, eles eram donos de parte do que é hoje o Jardim do Cedro”, cita. Aos 80 anos, Bila faz questão de mostrar a antiga bica d’água, uma vertente que existe ainda hoje no bairro.

“Na minha infância, a gente era muito pobre, tive que ser muito guerreira na vida. Mas eu tive um bom casamento aqui no bairro, criei meus filhos, meus netos, bisnetos. Nunca pensei em sair do Santo Antônio.”

Sonho realizado

Faz quase 50 anos que Leonir Teresinha Gomes, 74, mora no Santo Antônio. Natural de Roca Sales, veio para o bairro nos anos 1970, quando casou. “Nos mudamos primeiro para perto da bica, tínhamos



Nos mudamos primeiro para perto da bica, tínhamos que pegar água com baldes, não tinha luz nem água por aqui”

LEONIR TERESINHA GOMES,
MORADORA DO SANTO ANTÔNIO

que pegar água com baldes, não tinha luz nem água por aqui”, recorda.

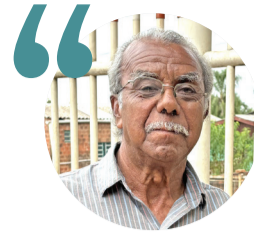
Desde criança, Leonir tinha o sonho de ter um armazém. “Eu fui diarista por muitos anos e, com meu marido, juntamos dinheiro suficiente para comprar o terreno onde moro hoje. Abrimos um bar aqui”, conta orgulhosa.

Mãe de três filhos, Leonir cuida do estabelecimento há décadas. O armazém da “Tia Leo” fez parte da vida de muita gente. Mesmo em idade avançada, destaca que trabalha de segunda a segunda. “Meus filhos me perguntam quando eu vou descansar, mas eu gosto, gosto muito mesmo”, brinca.

Pouco tempo depois de Leonir, João Arno de Araújo, 79, veio mo-

O Santo Antônio no final dos anos 1990. A Igreja Assembleia de Deus aparece ao fundo.

rar no bairro. O ano era 1979 quando Araújo veio de Barros Cassal acompanhado da esposa para residir na então chamada “Chácara da Prefeitura”, antiga denominação do Santo Antônio. “Tinha muito mato por aqui, ajudei a construir muitas casas da vizinhança. Ajudei também nas obras da igreja”, conta. A Igreja Assembleia de Deus, construída em 1979, faz parte da história da comunidade.



Ajudei a construir muitas casas da vizinhança e também nas obras da igreja”

JOÃO ARNO DE ARAÚJO,
MORADOR DO SANTO ANTÔNIO



Tinha uns sete ou oito moradores aqui. Era tudo estrada de chão, eu plantava feijão aqui na rua”

LEONIR MIORANDO,
MORADOR DO JARDIM DO CEDRO

Um bairro entre os cedros

O Jardim do Cedro ficou conhecido por esse nome porque, bem no início do loteamento do bairro, a rua principal era ladeada por árvores de cedro. Quem lembra disso é Leonir Miorando, 65, um dos antigos moradores.

Ele comprou o terreno em 1978, quando veio de Sérico com a família. Foi a época em que começaram a abrir loteamentos no bairro. “Tinha uns sete ou oito moradores aqui. Era tudo estrada de chão, eu plantava feijão aqui na rua”, conta. Naquele tempo, o Jardim do Cedro, chamado de Linha São Bento do Sul, só era habitado pelas antigas famílias de colonos.

Miorando foi caminhoneiro por muitos anos, trabalhou na antiga

Copave, e, por volta de 1984, abriu um pequeno boteco no bairro. Em 1988, abriu o mercado que administra ainda hoje junto dos filhos.

“Ajudei a criar a Associação de Moradores, fui presidente nos anos 1990”, diz. Miorando lembra que, nos primeiros anos, o ginásio não existia, havia apenas um quiosque, com mesas de concreto para reunir a comunidade.

O campo da Associação Esportiva Jardim do Cedro também não existia. Formaram o time e, durante dois anos, só jogaram fora de casa, porque não tinham sede. “Também não tinha igreja lá no início, puxamos um galpão aqui no meu boteco para as missas.” De oito moradores para mais de 10 mil, Morando acompanhou o crescimento do bairro. “Era completamente diferente.”



A Emef Dom Pedro I veio para o endereço atual em 1963, quando foi inaugurada uma pequena sala que existe ainda hoje na escola



A foto é de 1941, época da Segunda Guerra Mundial, quando o nome foi alterado para Escola Dom Pedro I

NOVA ESTRUTURA DA EMEF DOM PEDRO I RECEBERÁ ATÉ 500 ALUNOS

Construção de dois blocos, com 18 salas, e um ginásio deve estar concluída até o próximo ano letivo. Estrutura é erguida em terreno em frente à escola e tem investimento de R\$ 8,1 milhões

A Escola Municipal Dom Pedro I, no bairro Jardim do Cedro, recebe uma nova estrutura para 2025. As obras iniciaram no fim do ano passado em um terreno em frente à escola. Serão dois novos blocos, com 18 salas de aula, e um ginásio, num investimento de R\$ 8,1 milhões.

Conforme a secretária de Educação de Lajeado, Adriana Vettorello, a previsão é que a estrutura esteja pronta para o próximo ano letivo, mas as obras dependem do clima, reforça. Até agora, o ginásio já foi erguido e o bloco A está no segundo pavimento. O próximo será o bloco B.

Hoje, a Emef atende cerca de 670 alunos, desde o pré até o 9º ano do ensino fundamental. Em 2024, em função do pouco espaço, as turmas de 9º ano foram realocadas para a Univates, onde têm aula junto aos alunos da Emef Porto Novo.

De acordo com a secretária, a ideia é que essas turmas retornem à Emef Dom Pedro I no próximo ano. “O ideal é que os jovens fiquem no seu zoneamento. Temos uma grande demanda de vagas no bairro, por isso a ampliação era tão necessária”, reforça.

Adriana cita que a nova estrutura poderá receber até 500 estudantes. A proposta é que os anos finais do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, fiquem nos prédios já existentes da escola. Os novos abrigarão os alunos do pré ao 5º ano.

Conforme a secretária, ainda



FOTOS DIVULGAÇÃO SEPLAN



Obra iniciou no fim de 2023, ginásio já foi erguido e agora trabalhos se concentram no bloco A

não foi definido como será constituída a equipe diretiva, se haverá quadros distintos de funcionários ou se a escola terá o mesmo nome. Hoje, conforme a diretora da Emef, Márcia Verruck Gauer, a escola tem em torno de 70 funcionários.

Apesar de a nova estrutura estar sendo erguida numa área próxima ao atual educandário, ainda haverá um terreno entre os prédios novos e antigos, e não haverá uma ligação direta. Uma nova rua deve

ria salienta que isso será feito conforme o andamento da obra.

Detalhes da nova estrutura

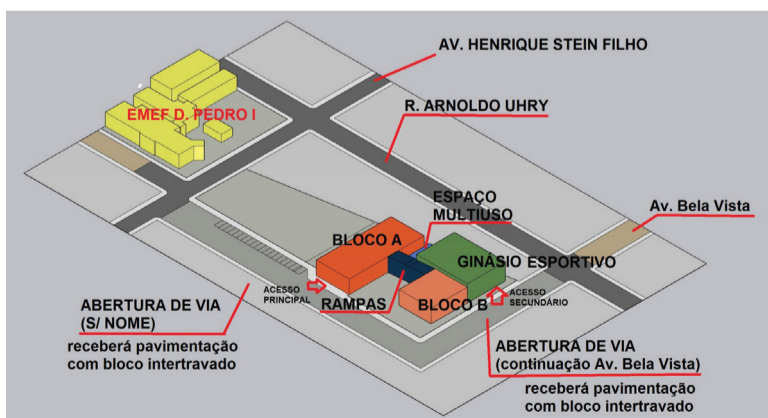
O projeto de ampliação foi desenvolvido pela Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Mobilidade (Seplan). Com uma área total de 3 mil metros quadrados, será dividido em blocos A e B, ambos com dois pavimentos, interligados por rampa coberta, ginásio esportivo e espaço multiuso.

O bloco A, com 1480m², terá 10 salas de aula, biblioteca, laboratório de aprendizagem, sala com recursos pedagógicos, de acolhimento, setor administrativo, refeitório e cozinha, área de serviço, almoxarifado, pátio coberto e sanitários para funcionários e alunos.

Já no bloco B está prevista a construção de oito salas de aula e

sanitários para os alunos. O ginásio será coberto, fechado e com arquibancadas. O chamado “Pátio Círculos” contará com playground e piso emborrachado, além de áreas com grama para atividades recreativas. Já o “Pátio Cubos” terá jardim com plantas sensoriais e espaço de convivência.

A proposta é que os alunos do pré ao 5º ano estudem nos prédios novos. A estrutura já existente abrigará os anos finais



O projeto prevê a abertura de uma nova rua no entorno da escola

Uma história centenária

A escola foi fundada em 1919 por 14 famílias de origem alemã, que residiam na então chamada Linha São Bento do Sul. As atividades iniciaram em 1920, numa pequena estrutura próxima à Igreja São Francisco de Assis do bairro.

As aulas eram todas em alemão, com 15 alunos, da 1ª a 4ª série. Naquele tempo, a escola era chamada de Deutsch Evangelische Schule, Escola Evangélica Alemã. O primeiro professor foi Theobaldo Dick, que, na época, dava aulas também no Colégio Alberto Torres

Foi durante a Segunda Guerra Mundial que a escola mudou o nome alemão para Dom Pedro I. Era época do Estado Novo de Getúlio Vargas e o Brasil enfrentava a Alemanha na guerra.

Em 1963, a escola passou a funcionar no endereço atual. Uma pequena salinha foi erguida, onde uma professora dava aula para todas as turmas. Ainda hoje a estrutura existe na escola, no meio do pátio, e serve como sala dos professores. A escola foi municipalizada em 1993, época em que já tinha outros prédios também.

MORADORES COBRAM SOLUÇÕES PARA RUAS SEM PAVIMENTAÇÃO

No Jardim do Cedro, há pelo menos 20 vias sem pavimentação ou calçamento incompleto. Parceria do governo com a comunidade garantiu obras em mais de 40 trechos no bairro desde 2017

“

Em dias de chuva, andar aqui (na rua Elir Léo Bohrer) é muito complicado por conta do barro”

ALEX FREITAS,
COMERCIANTE

“

Vejo que falta união entre os moradores. Mas acredito que um dia sai essa obra (na rua Bela Vista)”

FELINTO ÍRIO DATSCH,
MORADOR DO JARDIM DO CEDRO

“**E**stamos desassistidos”. Proprietário de um estabelecimento comercial na rua Elir Léo Bohrer, Alex Freitas é um entre muitos moradores do Jardim do Cedro que aguardam pela pavimentação de suas ruas. Conforme levantamento da Associação de Moradores, são mais de 20 vias em todo o bairro que não possuem ou contam com trechos parciais de calçamento.

Freitas é morador do Jardim do Cedro há mais de 20 anos. Abriu o comércio naquele ponto na década passada e tinha, na ocasião, a expectativa de ver a rua totalmente pavimentada. Mas, por enquanto, apenas uma parte recebeu obras. “Em dias de chuva, andar aqui muito complicado por conta do barro”, lamenta.

De fato, duas quadras da rua foram pavimentadas no ano pas-

sado, por meio do programa Pavimentação Comunitária, do governo municipal. No entanto, Freitas comenta que há um trecho onde os moradores aguardam pelo Executivo para fazer o acerto. “Faz mais de um ano que esperamos por isso. Seria muito bom para todos se continuassem”.

Neste programa, moradores e município firmam parceria para agilizar a pavimentação de determinada rua. O governo arca com a elaboração do projeto e a execução do serviço, enquanto a comunidade custeia o material de cobertura e a mão de obra. No caso da rua Elir Léo Bohrer, cada morador desembolsou cerca de R\$ 7 mil.

“Melhoraria bastante”

Em outra ponta do Jardim do

Cedro, a rua Bela Vista serve como ligação alternativa com o bairro Conservas. Mas jamais recebeu qualquer tipo de intervenção, nem mesmo foi colocada, em algum momento, como prioridade para receber asfaltamento. Recentemente, um grupo de moradores se mobilizou para viabilizar a obra por meio da Pavimentação Comunitária.

Felinto Irio Datsch, 82, reside próximo à Bela Vista e passa com frequência pela via. Lembra que, nas duas ocasiões em que se tentou a pavimentação por meio da parceria com o município, não fecharam 100% das assinaturas necessárias.

“Vejo que falta união entre os moradores. Mas acredito que um dia sai essa obra. Seria muito bom para quem quer comprar terreno e melhoraria bastante para quem mora ou passa com frequência por essa rua”, afirma.



Sem pavimentação, rua Bela Vista também se tornou local de depósito irregular de resíduos

Ruas pavimentadas nos últimos anos

CONFORME INFORMAÇÕES DO GOVERNO DE LAJEADO

- Rua Arnaldo Sbaraini
- Rua Eleolino Zagonel
- Rua Antônio Arenhardt
- Rua Luísa Stein (dois trechos)
- Rua Egídio Dexheimer (dois trechos)
- Rua Albino Gontran Arruda (dois trechos)
- Rua Eleolino Domingos Zagonel (cinco trechos)
- Rua Miguel Arenhardt (três trechos)
- Rua Emílio Haas
- Rua João Preto (três trechos)
- Rua Bráulino dos Santos Costa (dois trechos)
- Rua Maria Lia Feldens (três trechos)
- Rua Henrique Guilherme Matte
- Rua Frederico Guilherme Schlabit
- Rua Nelson Eckhardt
- Avenida Henrique Stein Filho
- Rua Dorval dos Santos Silveira (dois trechos)
- Rua Benno José Zart (dois trechos)
- Rua Thomaz Assumpção Pereira (dois trechos)
- Rua Arcelo Griebeler
- Rua Willi Johann
- Rua Armindo Auler
- Rua Elir Léo Bohrer

Bairro grande

Para o presidente da Associação de Moradores do Jardim do Cedro, Marino Barcé, o bairro é grande demais para contar com um número limitado de ruas pavimentadas. Mesmo as vias principais, como a avenida Henrique Stein Filho, ainda contam com trechos não pavimentados, enquanto a rua João Fernando Schneider foi asfaltada no começo dos anos 2000.

“Algumas ruas estão parcialmente calçadas. Faltam uma, três, até cinco quadras. Outras, como é o caso da Bela Vista, não tem nenhuma quadra pavimentada. Dá para dizer que são mais de 20 ruas que estão nessas situações”, lamenta.

Sem novos projetos

Segundo o coordenador de Serviços Urbanos do governo de Lajeado, Cassiano Jung, já foram pavimentados mais de 40 trechos de ruas no Jardim do Cedro desde 2017, ano em que o programa foi implementado. A rua Eleolino Domingos Zagonel, com cinco, é a que mais teve mais pontos com calçamento.

“O programa segue em calçamento. Nunca parou desde o início. Já alcançamos 359 ruas em Lajeado”, salienta. Neste momento, no entanto, não há projetos em execução para o Jardim do Cedro.



Freitas tem estabelecimento comercial há nove anos na rua Elir Léo Bohrer e convive com o barro e a poeira

COMUNIDADE INDÍGENA

BUSCA AMPLIAÇÃO DE ESCOLA

FOTOS MATEUS SOUZA

Imóvel de instituição estadual localizado na Aldeia Foxá é precário e conta com apenas uma sala de aula para 33 alunos de diferentes séries

Alunos de segundo, terceiro, quarto e quinto anos do ensino fundamental dentro de uma mesma sala de aula. Pouco espaço para refeições dos pequenos estudantes. Inexistência de sinal de internet. As condições da Escola Indígena Gatén, localizada na Aldeia Kaingang Foxá, preocupam. E líderes da comunidade buscam soluções e esperam por respostas do Estado.

Credenciada pela Secretaria de Educação do RS desde 2018, a instituição convive com um número crescente de alunos e uma estrutura precária. Hoje, são 33, divididos em dois turnos. Por isso, a principal demanda hoje, conforme o vice-cacique, Virgolino Nascimento, é a ampliação do pequeno imóvel onde hoje funcionam as atividades da escola.

O ideal, comenta Nascimento, seria a disponibilização de mais uma sala de aula e também um refeitório. “O nosso maior problema hoje é a estrutura. Já tentamos buscar algumas parcerias para viabilizar essa obra, tanto pelo município quanto pelo Estado, mas ainda estamos esperando por essa ampliação”, afirma.

Nas últimas semanas, Nascimento tem se movimentado no sentido de colocar os pedidos da comunidade indígena em evidência. Procurou veículos de comunicação para mostrar as condições da escola e pedir apoio. “Nós queremos mostrar o que está acontecendo e reforçarmos o nosso pedido”.

Envolvimento

Todos os 33 alunos matriculados na escola são originários de famílias que residem na Aldeia Kaingang Foxá. Como a instituição só tem aulas até o quinto ano, os estudantes mais velhos, em sua maioria, dão seguimento aos estudos na Escola Estadual Manuel Bandeira, no bairro Florestal. “Priorizamos o espaço para os mais novos aqui, para que não corressem riscos”.

Trabalham na escola duas professoras e outras duas funcionárias, responsáveis pela secretaria



Escola conta com apenas uma sala de aula. Objetivo é ter um espaço maior para aulas



O nosso maior problema hoje é a estrutura. Já tentamos buscar algumas parcerias para viabilizar essa obra, tanto pelo município quanto pelo Estado”

VIRGINO NASCIMENTO,
VICE-CACIQUE

Atenção à comunidade

Não é só a escola que necessita de melhorias. Conforme Nascimento, há demandas também dos moradores da aldeia. Menciona, entre outros pontos, o excesso de velocidade. “Os carros que descem da ERS-130 correm muito. Seria necessário a instalação de lombadas aqui. Temos muitas crianças”, comenta.

Além disso, cita a necessidade de melhorias na praça e também a preocupação com o fato da rua não ter nome. “Não existimos no mapa da cidade. Já pedimos para a prefeitura. Precisamos ter um endereço definido”. As quedas na energia elétrica também são um problema antigo.

Em tramitação

De acordo com o coordenador regional adjunto de Obras Públicas, Nélio Vuaden, inicialmente a escola passará por reformas no telhado. Trata-se de um recurso do Programa Agiliza 2024, do governo gaúcho.

“Quanto a ampliação da escola, esta demanda está tramitando na atualização do projeto e orçamento”, afirma, sem dar maiores detalhes. A solicitação da obra foi feita pela 3ª Coordenadoria Regional de Educação (3ª CRE).

A Aldeia Foxá

– Localizada no bairro Jardim do Cedro, às margens da ERS-130, a Aldeia Kaingang Foxá começou a se formar a partir do fim da década de 1990, com a chegada das primeiras famílias a Lajeado, vindas, em sua maioria, do município de Nonoi;

– Inicialmente, se estabeleceram na ERS-130, a 600 metros do entroncamento com a BR-386, em habitações cobertas por lonas velhas, sem sanitários e energia elétrica. As condições insalubres motivaram uma série de reuniões, a partir de 2003, a fim de solucionar o problema;

– As movimentações envolveram Ministério Público, Ministério Público Federal, Funai, governos municipal e estadual e outras entidades. Em 2005, o município de Lajeado destinou área de terra no Jardim do Cedro para a instalação da aldeia;

– As casas começaram a ser construídas em 2007. Hoje, são 54 famílias e mais de 200 pessoas residentes. O artesanato segue como a fonte de renda da maior parte das famílias, mas há quem trabalhe também em empresas da cidade;



Escola Indígena Gatén foi credenciada pelo governo do RS na década passada



MATEUS SOUZA

mateus@grupoahora.net.br

A Lajeado que poucos veem (e muitos não querem ver)



Não é simples desconstruir uma imagem negativa. No caso do Santo Antônio, a dificuldade é ainda maior. Violência? Também ocorre em outros pontos da cidade. Tráfego? Está longe de ser exclusividade de um só local.

Mas se criou, no imaginário da população, a narrativa de que um único bairro concentra todas as mazelas de Lajeado. Preconceito corroborado por autoridades e – infelizmente – por órgãos de imprensa. Os moradores estão cansados de terem o seu chão

relacionados a tudo de ruim que ocorre na cidade. Mas também cansados de serem esquecidos, enquanto outras áreas desfrutam de um olhar mais privilegiado. Lajeado é uma cidade só. Uma pena nem todo mundo pensar dessa forma.

Ilustre ex-presidente

Na galeria de ex-presidentes da Associação de Moradores do Jardim do Cedro, exposta no ginásio da comunidade, há muitas personalidades importantes. O primeiro deles, no entanto, chama atenção por sua trajetória na imprensa regional: Oswaldo Carlos van Leeuwen. Falecido em abril de 2021, o saudoso fundador de O Informativo teve grande relevância na construção do bairro, sendo bastante ativo na luta por melhorias em infraestrutura. Um importante líder cujo trabalho até hoje é lembrado pela vizinhança.



ANTES E DEPOIS



2011



2022

Principal ligação do Jardim do Cedro com a ERS-130, a rua João Fernando Schneider foi, por muito tempo, uma via essencialmente residencial, como mostra a imagem de 2011. Uma década depois (2022), o cenário é bem diferente. A presença de escola nas imediações atraiu a atenção de empreendedores. Hoje, há estabelecimentos comerciais e do ramo da alimentação instalados às margens da rua.

Força do voluntariado



Dentro deste contexto – e da ausência do Poder Público em determinadas áreas – é elogiável o trabalho feito pela Univates no Santo Antônio. São diferentes projetos de extensão que atuam diretamente com as comunidades e auxiliam nesse processo de

desconstrução. São ações no campo da saúde, da educação, do empreendedorismo, entre outros. Mesmo que não seja papel da universidade, os professores e alunos têm uma oportunidade ímpar de participar do processo de transformação dos territórios.

PROGRAME-SE

5 DE MAIO

Circuito Sesc de Corridas – Etapa Lajeado.
Local: Estádio Olímpico da Univates e ruas da cidade

19 DE MAIO

Gramado Cultural. Local: Gramado do Centro Cultural Univates

16º Encontro Infantil de Danças Folclóricas
Local: Parque Histórico



DAS RUAS

– Agora vai? As obras de duplicação da BR-386, entre Lajeado e Marques de Souza foram retomadas no último dia 15, após a assinatura de contrato com nova terceirizada (neste caso, um consórcio de empresas) responsável. Pouco importa quem vai executar. O que a comunidade mais espera é pela conclusão. Fevereiro de 2025 é o prazo final. Dois anos a mais do que o previsto;

– Acerta a CCR ViaSul em priorizar, num primeiro momento, a conclusão do viaduto que liga os bairros Montanha e Olarias. É uma ligação essencial, pois também abrange outros bairros lindeiros. Ajudará, também, a desafogar o trânsito da rodovia. Mas é preciso agilizar. E, claro, garantir que a travessia esteja dentro dos padrões de segurança necessários;

– Os alagamentos frequentes no Montanha, ao que tudo indica, estão com os dias contados. A obra de macrodrenagem executada pelo município deve

resolver o problema de moradores e comerciantes da rua Donga Menezes. A repercussão da enxurrada do dia 7 foi grande. A ponto de mexer com os brios do Poder Público;

– Moradores do Centenário estão incomodados com a dificuldade para agendamento de exames e consultas. Sem um posto de saúde no bairro, precisam se deslocar até o vizinho Olarias para atendimento. O problema é que, por lá, a situação também é complicada. Uma unidade muito precária para atender a uma população de quase 10 mil pessoas;

– No Moinhos, moradores preparam uma ação coletiva contra a Corsan/Aegea por conta da cobrança da taxa de coleta de esgoto. É absurdo contas de água chegarem a R\$ 400, R\$ 500. O Ministério Público também foi acionado pela comunidade. Município também busca, de alguma forma, auxiliar essas pessoas.

Alternativas para quem **BUSCA VIVER AQUI**

Fácil acesso ao Centro, bem próximo à natureza



Toda nossa **Experiência** está aqui com um grande propósito: **MUDAR A SUA VIDA.** Para melhor!

Fale com a gente e conheça as oportunidades que temos para você.

Seja qual for o tamanho do seu sonho,
experiência muda tudo.

Aproveite essas ofertas do bairro Jardim do Cedro!



Residencial Morada dos Jardins III
Cód/Ref. V196

Fácil acesso para a RS-130
Quadra 1, Lote 1 / Posição: Meio
Possui rua asfaltada



Área total **348m²**
Valor R\$ **138.000,00**



Residencial Morada dos Jardins III
Cód/Ref. V197

Fácil acesso para a RS-130
Quadra 1, Lote 6
Posição: Meio



Área total **348m²**
Valor R\$ **138.000,00**



Residencial Morada dos Jardins II
Cód/Ref. V199

Fácil acesso para a RS-130
Quadra 2, Lote 5
Posição: Meio



Área total **360m²**
Valor R\$ **138.000,00**



Residencial Morada dos Jardins II
Cód/Ref. V198

Fácil acesso para a RS-130
Quadra 2, Lote 1
Posição: Esquina



Área total **450m²**
Valor R\$ **154.000,00**

Conheça todos nossos imóveis em
www.imojel.com.br

Fone:
(51) 3714.2555

PLANTÃO
(51) 99622.8113



IMOJEL[®]
Construtora e Incorporadora